

# TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA: A MOVIMENTAÇÃO/TRANSIÇÃO DIDÁTICA DOS SABERES EM SALA DE AULA

Simone de Sousa Naedzold<sup>1</sup>  
Leandra Ines Seganfredo Santos<sup>2</sup>

## RESUMO

Este texto visa refletir sobre o conceito de Transposição Didática de Chevallard (2009), na formação docente. Pretende-se ponderar sobre a internalização/aprendizagem do conceito pelos professores e a ação destes em sala de aula na movimentação/transição entre os saberes sábios/a ensinar/ensinados, e sua relação com a noosfera, conforme as etapas da Transposição e as implicações que as atividades determinam, até a construção de conhecimentos pelos estudantes. Analisamos como *corpus* o “Orientativo Sala de Educador 2015”, documento base da formação docente do ensino público em Mato Grosso. O quadro teórico-metodológico está composto de autores como Chevallard, Halté, Petitjean, dentre outros.

**Palavras-chave:** Formação Docente; Transposição Didática; Yves Chevallard.

## Introdução

Neste artigo<sup>3</sup> propomos uma discussão acerca do conceito de Transposição Didática apresentado por Yves Chevallard. O estudo sobre este tema se justifica porque a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, a partir de 2015, através do Orientativo Sala de Educador (MATO GROSSO, 2015), introduz a temática como possibilidade de inovação e desenvolvimento de currículo tendo em vista os pressupostos teóricos e metodológicos da transposição didática. Para isso, partimos da seguinte questão mobilizadora: Quais conhecimentos teóricos os professores da Educação Básica possuem sobre Teoria da Transposição Didática e como fazem uso dela em suas práticas em sala de aula? Para direcionar as discussões, elencamos os seguintes objetivos para este texto: a) apresentar o conceito de transposição didática sob a perspectiva de Yves Chevallard;

---

<sup>1</sup> Mestra em estudos de linguagens e letramentos – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). Especialista em Didática do Ensino Superior (UNIC/Sinop). Graduada em Letras – Línguas Portuguesa e Espanhola e suas respectivas literaturas (UFSC). Professora concursada da rede estadual de Mato Grosso (Sinop/MT). E-mail: snaedzold60@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos (Linguística Aplicada) na UNESP (Rio Preto) e Pós-doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUCSP). Professora concursada na Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Atua na Graduação e nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística e PROFLETRAS. E-mail: leandraines@unemat.br.

<sup>3</sup> Este trabalho foi apresentado no XIV CONAELL, em 2016, realizado pela Unemat/Sinop/MT, ISSN: 2317-3726. Disponível em: <<http://www.conaell.com.br/Caderno-Resumo/>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

b) fomentar a discussão sobre a teoria da transposição didática no Brasil; c) possibilitar a análise de diferentes olhares sobre a transposição didática.

O processo de organização de ensino, sob a ótica da transposição didática implica formação docente de modo sistemático e contínuo, além de exigir um acompanhamento desse tempo didático entre a aprendizagem e ação do professor e as aprendizagens dos estudantes e esse é o tempo entre o saber sábio e o saber a ensinar de que argumenta Chevallard. E, à medida que o processo se desenvolve, novas ações, seja por parte dos teóricos, das políticas públicas, e, principalmente dos professores, são necessárias, para que possamos, cada vez mais, acompanhar o processo de construção de conhecimento nosso e dos estudantes da educação básica.

Ressaltamos que esse texto é parte integrante de um estudo mais aprofundado que as autoras estão realizando sobre a temática e o que apresentamos aqui são apenas os desdobramentos iniciais. Para um melhor entendimento, dividimos nossos estudos em três momentos: no primeiro momento, a pesquisa foi bibliográfica e a coleta de dados feita por meio de estudos em acervos bibliográficos e artigos publicados em jornais, revistas, editoras nacionais e internacionais; A análise dos dados se deu de forma quantitativa e qualitativa, a fim de aprimorar a divulgação e o aprofundamento sobre os conceitos da Teoria da Transposição Didática, proposto no Brasil por Chevallard. E esses são os primeiros dados desta fase que ora apresentamos neste artigo.

Por isso, nosso primeiro questionamento gira em torno de como a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso entende a Transposição Didática e de que modo a mesma está presente na literatura atual?

No segundo momento, ao considerar que nos últimos dois anos (2015, 2016) os professores da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso são desafiados a trabalhar na perspectiva da Transposição Didática, pretendemos compreender o conhecimento que esses professores têm sobre a transposição didática, por meio de questionário que serão aplicados na forma presencial aos professores da Escola Estadual Enio Pipino em Sinop. Ou seja, esta pesquisa busca compreender como os profissionais da Educação Básica de Mato Grosso, atuantes em Sinop, nos anos de 2015 e 2016, entendem e mobilizam no fazer docente o conceito de Transposição Didática.

Já no terceiro momento, levando em conta o resultado dos momentos anteriores, esta pesquisa visará refletir sobre os pressupostos teóricos da Teoria da Transposição Didática e buscará articular esse processo junto aos profissionais da Educação Básica da Escola Estadual Enio Pipino em Sinop, mediante ações práticas sobre o tema, como o fomento de grupos de estudos, com o intuito de fomentar a ampliação do conhecimento sobre esta teoria e sua possibilidade de consolidação em sala de aula.

### **Yves Chevallard e a Teoria da Transposição Didática**

A menção ao termo Transposição Didática apareceu no cenário francês na década de 1970. Inicialmente foi desenvolvida por Michel Verret (1974/1975) na tese *Le temps des études*. Na França, em decorrência das reformas educacionais, este período é marcado por mudanças significativas. Osakabe (2005, p. 47) esclarece que “[...] nos idos de 1970, [...], na França, se discutia a reestruturação do ensino com base num novo público que chegava aos bancos escolares; os filhos dos imigrantes, pobres, parcos do domínio linguístico e carentes de informação cultural francesa”. A transposição didática ficou conhecida no mundo partir da década de 1980, por meio dos estudos matemáticos e de novos olhares do educador francês Yves Chevallard<sup>4</sup>.

Nos últimos 20 anos (1996/2016), muitos pesquisadores, de educação matemática ou não, estão se debruçando sobre o conteúdo desta teoria em busca de um caminho para melhorar a educação no Brasil. Nos estudos de Verret, por influência das teorias das décadas de 1950, 1960, o termo Transposição Didática possui, ainda, um sentido de transmissão de conhecimento. No entanto, percebe-se que, à medida que este autor explicita o processo de construção deste conceito, esta lógica de transmissão começa a se romper. E é nesta abertura que Yves Chevallard (2013, p. 9) investe suas pesquisas e

---

<sup>4</sup> Yves Chevallard nasceu em Marselha, França, em 01 de maio de 1946. É Licenciado em Matemática e pesquisador da Universidade de Aix-Marseille, da qual é professor emérito desde 2012. Em sua carreira de docente e pesquisador publicou dezenas de artigos na área da Didática da Matemática. Em 2009 recebeu o prêmio Hans Freudenthal, a maior distinção internacional a investigações acerca do ensino e a aprendizagem de Matemática. É autor junto com Marianna Bosch e Josep Gascón do livro “Estudiar Matemática: el eslabón perdido entre la enseñanza y el aprendizaje” (Barcelona, ICE Horsori, 1997). A obra mais difundida, no entanto, no âmbito educativo “*La Transposition Didactique. Du savoir savant au savoir enseigné*” teve sua primeira edição publicada na França em 1985 pela Editora *La Pensée Sauvage*; a segunda edição, revista e ampliada, foi publicada em 1991, pela mesma editora e é esta segunda edição que Cláudia Gilman traduziu para o espanhol e publicou pela editora argentina Aique, na coleção: *Psicología cognitiva y educación*. A edição traduzida na qual nos baseamos é a terceira da editora Aique, sob o título de *Transposición Didáctica: del saber sábio al saber enseñado*, de 2009.

começa a construir, aprimorar o conceito e afirma que “A transição do conhecimento considerado como uma ferramenta a ser posto em prática, para o conhecimento como algo a ser ensinado e aprendido, é precisamente o que eu tenho chamado de *transposição didática* do conhecimento” e acrescenta (2009, p. 11) que

Esse tema – a transposição didática – que era então um tema novo, teve um poder de sedução indubitável. Sedução não desprovida de ambiguidade sem dúvida, e em muitos casos afetada por ambivalências. O destino epistemológico do conceito traçou até aqui itinerários múltiplos, mas ordinários. Foi objeto de exposições de seminários e, sobretudo de certo número de trabalhos que apresentavam análises didáticas precisas: essa era sua origem; esse é, de fato, seu justo lugar.<sup>5</sup>

O próprio autor já se questiona sobre como pesquisadores e estudiosos entenderão a teoria que ele mesmo começa a desenhar quando afirma que “Mas além das modalidades da recepção do conceito, é necessário se perguntar sobre as condições de sua instalação nos discursos e de seu desenvolvimento na prática”<sup>6</sup> (2009, p. 11-12).

Petitjean (2008, p. 84), um crítico da aplicabilidade e receptividade da Teoria da Transposição Didática, observa que

Transformar a realidade do sistema didático em objeto do saber, tanto do ponto de vista histórico ou epistemológico (opção privilegiada por Chevallard) quanto a praxiológica, é a especificidade de uma ciência chamada *didática*. Para se classificar como ciência, a didática, na sua fase emergente, precisou utilizar métodos de investigação e conceitos operacionais, como o de TD.

É certo que a maneira de se traduzir e se compreender um conceito, principalmente um novo, como é o caso da Transposição Didática provoca, também, alguns desvios de interpretação. No decorrer desta caminhada teórica, alguns conceitos da Teoria da Transposição Didática foram escamoteados ou desconsideradas. Segundo Halté (2008, p. 117)

Um dos resultados da transposição da Transposição Didática é que o complexo estudo dos fenômenos constituintes da escolarização dos saberes, descrito e analisado originalmente por M. Verret, emprestado e depois reformulado cuidadosamente no âmbito da didática da matemática por Y. Chevallard, se reduziu, parece, tão-somente ao tema

---

<sup>5</sup> Tradução livre das autoras.

<sup>6</sup> Tradução livre das autoras.

da transposição de saberes científicos – ditos de referência – em saberes escolares.

Esse alerta de Halté mostra que nem tudo que lemos em artigos, livros, seja virtual ou não e ouvimos em conferências presenciais ou *online* ou ainda em *audiobooks* são verdades e se referem de fato a Teoria da Transposição Didática de Chevallard. Há uma quantidade exagerada de texto sobre a temática que mais confunde que esclarece.

### **Conceito de noosfera**

Parte significativa da Transposição Didática é o conceito de noosfera. Para Chevallard, noosfera é o espaço em que a comunidade discute e decide o que realmente se pode fazer para que o professor, em sala de aula, saiba realizar as inferências necessárias para que o estudante aprenda. Na noosfera são selecionados os materiais, conteúdos; definidas metodologias e tudo o mais para subsidiar o planejamento do professor. São consideradas todas as etapas de construção do conhecimento. A palavra noosfera origina do grego e significa esfera de reflexão. Quando se refere à noosfera, Chevallard (2009, p. 28) afirma que “- [...] estamos aqui na esfera *onde se pensa* – segundo modalidades talvez muito diferentes – o funcionamento didático”<sup>7</sup>. Percebe-se a importância que o autor atribui a este processo de debates para a escolha, seleção do que realmente se pretende que vá para o âmbito escolar, mas observa, também, que este não é um processo fácil. Muitas vezes, os envolvidos entendem pouco o que está acontecendo e em outras fica a dúvida se querem que este “funcionamento didático” chegue realmente às escolas.

Contudo, para efetividade desse processo, o autor (2009, p. 28-29) descreve como ocorre a noosfera

Na noosfera, pois, os representantes do sistema de ensino, com ou sem mandato (desde o presidente de uma associação de ensino até o simples professor militante), se encontram, direta ou indiretamente (através do libelo denunciador, a demanda cominatória, o projeto de compromisso ou os debates ensurdecidos de uma comissão ministerial), com os representantes da sociedade (os pais dos alunos, os especialistas da disciplina que militam em torno do ensino, os emissários de órgão político) [...] onde as competências estão delimitadas com precisão, os

---

<sup>7</sup> Tradução livre das autoras.

registros estão assinados, as responsabilidades, distribuídas e os poderes, circunscritos.<sup>8</sup>

Ao referendar o conceito de noosfera, Chevallard (2009, p. 29) argumenta, ainda, que “[Na noosfera se] conserva apenas o essencial com o fim de dar base ampla ao estudo de processo de transposição didática”<sup>9</sup>. Ela se constitui como uma das etapas da Transposição Didática, uma vez que, é nela que o conhecimento é produzido por todos os setores da sociedade, nas mais variadas esferas, precisam ser selecionados e inseridos na gama de conhecimento do letramento escolar e, em seguida, organizados pelos profissionais em planejamentos para, por fim, serem trabalhados em sala de aula. Este é um processo complexo e, ao mesmo tempo, um dos mais importantes, mas é necessário, nos dizeres de Chevallard (2013, p. 6), que “[...] a maioria dos professores e pessoas da noosfera aparentemente evitam a questão do conhecimento”. Ou seja, mesmo que seja um processo aberto, com participação de muitos setores sociais, ainda encontramos divergências nas discussões e posicionamentos que elegem um em detrimento de outros conhecimentos.

### **Etapas da TD**

1º Saber sábio (*savoir savant*) – todo conhecimento científico produzido pela sociedade (Entorno).

#### I Transposição TD Externa

2º Saber a ensinar (*savoir a enseigner*) – noosfera (filtro) – são os resultados/escolhas/opções/seleções dos estudos/temáticas/teorias do sistema didático (conteúdos, metodologias, procedimentos metodológicos).

#### II Transposição TD Interna

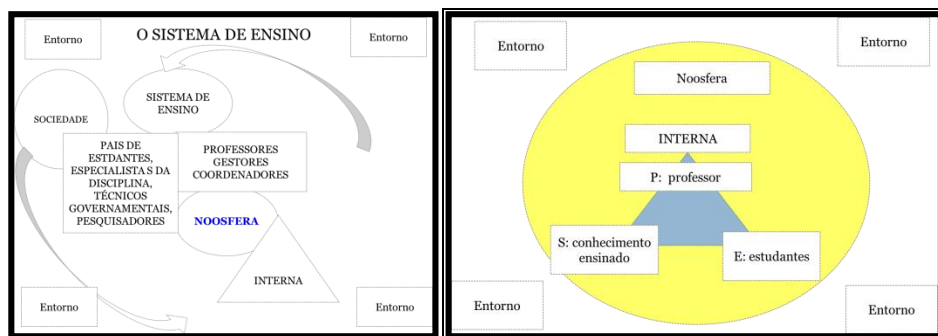
3º Saber ensinado (*savoir enseigné*) – o que realmente se trabalha em sala de aula/contexto da relação didática, e o que o estudante realmente aprende.

Imagem 1. TD – Processo – saber sábio/saber ensinado.

---

<sup>8</sup> Tradução livre das autoras.

<sup>9</sup> Tradução livre das autoras.



Fonte: Arquivo da pesquisa, Sinop/MT, 2018.

Como matemático, Chevallard utiliza-se do triângulo para melhor explicitar o que ele intitula de relação didática ternária. É interessante observar que os três envolvidos no processo: professor, estudante e conhecimento estão em constante movimento. Não se separam e se constituem sem se sobrepor, visto que para o próprio Chevallard (2009, p. 15)

O didata das matemáticas se interessa no jogo que se realiza – tal como se pode observar, e logo reconstruir, em nossas aulas concretas – entre um *docente*, os *alunos* e o *saber matemático*. Três lugares, pois: é o *sistema didático*<sup>10</sup>.

Nos argumentos de Chevallard (2013, p. 6), no sistema didático

[...] a teoria didática deve [...] colocar-se como uma entidade teórica, em uma relação *ternária*, que eu chamo de *relação didática*. A relação didática une três e não dois “objetos” a saber: o professor, o ensino e, por último, mas não menos importante, o *conhecimento*; ou, para ser ainda mais preciso, o *conhecimento ensinado*.

Sob essa perspectiva, a base epistemológica continua a mesma, mas a abrangência foi modificada, porque, em virtude das discussões que envolveram a Teoria da Transposição Didática, o conceito transcendeu a referência somente ao saber matemático. Importante observar, também, que a base da construção de conhecimentos nesta teoria é o próprio processo de renovação, posto que ao analisar as condições do saber ensinado, aquele saber realmente apreendido pelos participantes no processo – estudantes, professores, conhecimento – numa visão matemática de afastamento para observar o fenômeno, diria que a Transposição Didática provoca a mudança na aprendizagem dos estudantes e ao efetivá-la no percurso, os professores mudam e os olhares sobre o

<sup>10</sup> Tradução livre das autoras.

processo curricular e sistema didático também se modificam. Neste sentido, concordamos com Petitjean (2008, p. 110) quando este assegura que

A teoria da TD de Chevallard é um conceito poderoso que [...] serve de *analisador* em diferentes níveis:/estatuto dos saberes e justificativas para a sua renovação;/estatuto dos transpositores e lógicas de suas intervenções;/estatuto de uma disciplina e de suas finalidades culturais.

Petitjean analisa o processo educacional e, ao se referir aos diferentes níveis, explicita este movimento que é, ao mesmo tempo, cíclico, interdisciplinar, interinstitucional e que transforma as realidades postas. Tendo em vista que, segundo Chevallard (2013, p. 9), “[...] o ensino [...] se define como um processo pelo qual as pessoas que não conhecem algum conhecimento irão apreendê-lo e, assim, vir a conhecê-lo” e depois não tem como se desaprender. Mesmo as muitas pessoas que compõem o âmbito escolar não queiram entender nem participar do processo, ele acontece e se modifica o tempo todo, visto que o processo de Transposição Didática não ocorre em cada espaço em separado. Ele é o todo de uma estrutura educacional interligado, ao mesmo tempo em que é específico e individual. E assim, como observa Petitjean (2008, p. 110), “[...] o conceito de TD permite limitar objetos, métodos de questionamentos, atores e paradigmas de pesquisa (histórica, epistemológica, praxiológica) assim como usos diferenciados da didática”, sem perder sua essência transformadora.

Uma das críticas que o autor (2013, p. 13-14) expõe é sobre a relação ensino e conhecimento pelos participantes da noosfera, inclusive, professores.

Ensinar é uma batalha dúbia em que o conhecimento e a relação ambígua da sociedade com ele estão em jogo. Isso é exatamente o que a maioria dos professores e pessoas da noosfera tentam esconder. Primeiro e acima de tudo isto é o que eles escondem de si mesmos. Esta é a razão por que, assim que deixam a sala de aula, os professores evitam questionar o conhecimento.

Mas o conhecimento é a linha dorsal que une todas as etapas da Transposição Didática. Quando não há a construção do conhecimento, essa, por sua vez, não se constituiu, não se realizou, não aconteceu!

Petitjean (2008, p. 84) orienta-nos a pensar de modo científico, por isso mostra tendências, caminhos, ao mesmo tempo em que desmistifica o escolar e nos chama a



atenção, dentre os diversos entendimentos e aplicações da Transposição Didática, para o seguinte aspecto:

[...] seja a TD eficiente ou falha, pensar diferentemente os saberes científicos e os saberes escolares é reconhecer que estes últimos se manifestam tendenciosamente e em graus diferentes, de acordo com o nível escolar, como deshistoricizados, reformulados, naturalizados e mais prescritivos do que descritivos.

Essas afirmações de Petitjean possibilitaram um entendimento mais amplo da teoria da transposição didática e, por conseguinte, evidencia que ainda há muitas coisas a fazer.

Nos parágrafos abaixo, expomos como o Estado de Mato Grosso entende a Transposição Didática e como essa está descrita nos documentos oficiais.

### **O Estado de Mato Grosso e a Transposição Didática**

A Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso elaborou as suas Orientações Curriculares entre 2009 e 2011 e as publicou em 2012 (MATO GROSSO, 2012). O processo de construção foi bem interessante. A princípio foi contratado um especialista de cada disciplina e eles produziram textos em separado. Depois estes textos foram agrupados em um único documento e encaminhados, a cada município, através dos Cefapro<sup>11</sup>, para estudos e inserções de propostas. Foram feitos seminários municipais, regionais em 15 polos e um seminário estadual. Em seguida, as propostas foram analisadas por grupos de professores da rede estadual e inseridas ou não no documento final das Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso. Em fins de 2012 foram finalizadas as edições e impressos cinco livros: o das concepções; área de linguagem; ciências humanas; ciências da natureza e matemática e diversidade.

Porque incluímos este parágrafo neste texto? Este processo de construção das Orientações Curriculares se o analisarmos à luz da Teoria da Transposição Didática de Yves Chevallard perceberemos que está ligado a noosfera. Porém algumas ressalvas precisam ser feitas. O documento das concepções, o da diversidade e o das áreas de conhecimento foram constituídos em separado e o da educação especial, finalizado em

---

<sup>11</sup> Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica, de Mato Grosso.

evento posterior, nem analisado foi no âmbito das discussões. Os especialistas das disciplinas, alguns pais e estudantes participaram do processo, mas a base política estava de fora. Ou seja, foram definidas muitas coisas que não se sabe se poderão ser viáveis ou não porque os representantes políticos e ministeriais não estavam presentes. Estas Orientações Curriculares estão sendo implementadas no Estado de Mato Grosso desde 2010 e seus descritores inclusos no sistema de dados para servir de base para avaliação das capacidades desenvolvidas pelos estudantes num período de três anos ou de um ciclo.

Além disso, em 2015, a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, incluiu, nas orientações para a realização da formação continuada de professores, a transposição didática. No Orientativo Sala de Educador (MATO GROSSO, 2015, p. 02), no item “Sugestões para orientar a reflexão e a (re)elaboração do Projeto Sala de Educador”, sitem 3, há os seguintes questionamentos: “A estruturação do(s) grupo(s) de estudo ocorre de forma produtiva? As OC [Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso] são contempladas no planejamento da formação? Que tipo de transposição são pensadas a partir do Planejamento do Projeto Sala de Educador? [...]”. Retomando o que já afirmamos anteriormente, a Transposição Didática é um meio de se organizar o currículo geral de um estado, país, não é um momento estanque na escola. São todos os momentos que antecedem o desenvolvimento da aula em si. É um processo complexo que vai desde seleção de materiais, passa pela noosfera, é filtrado o que serve neste momento e o que será descartado considerando as características dos estudantes, professores e da organização do conhecimento. Por isso, inserimos este parágrafo: para afirmar que o processo de construção das Orientações Curriculares está inserido no conceito de Transposição Didática.

Porém, quando se questiona no Orientativo (MATO GROSSO, 2015, p. 04) “Que tipo de transposição são pensadas a partir do Planejamento do Projeto Sala de Educador” observa-se que a ideia de Transposição Didática empregada é a de que são os professores, coordenadores e equipes responsáveis pela formação continuada que irão decidir que tipo de Transposição irão realizar. Posto desde modo, essa organização se afasta do conceito da Teoria da Transposição Didática de Yves Chevallard.

Já no item “Os atores do processo” (MATO GROSSO, 2015, p. 04), com a intenção de fortalecer o processo de formação, a Secretaria direciona como uma das ações

“Promover a relação entre a formação e a transposição didática”. Mais uma vez se nota, em outro plano, o da formação continuada de professores, que a ideia de Transposição exposta é a mesma, ou seja, para que haja Transposição Didática, os professores devem realizar formação continuada. Observa-se, porém, que a Formação Continuada é parte do processo de Transposição Didática, e que, para que os conhecimentos produzidos pelos cientistas de todas as áreas cheguem até a sala de aula, precisam passar por um processo de readaptação linguística e contextual, considerando que se os textos e termos científicos fossem usados tal qual, uma boa parte passaria ininteligível para a maioria dos estudantes. Neste sentido, a partir do momento que as pessoas/secretarias/governos (noosfera) decidem que tal assunto entrará no currículo escolar, ele começa a passar por transformações.

Os autores de livros didáticos, por exemplo, o adequam para a fase/ciclo para o qual escrevem. E os professores usam os livros didáticos em suas aulas, mas nem sempre se fixam somente nele, pois buscam novas informações sobre o assunto e discutem as mesmas com os estudantes. Assim, neste processo de busca e de adequação, acontece a formação continuada que é parte da Transposição Didática e, por isso que, do nosso ponto de vista, a expressão “Promover a relação entre a formação e a transposição didática” está equivocada, considerando que no momento da formação já está em processo a Transposição Didática.

Em outro item, intitulado “Periodicidades dos encontros” (MATO GROSSO, 2015, p. 11), orienta-se claramente como deve ser feito a Transposição Didática. “Cada encontro deverá durar, pelo menos, 04 (quatro) horas de atividades; (sendo permitido 03 horas presenciais e 01 hora de transposição didática ou aplicação prática)”. Observamos neste ponto que as expressões “transposição didática” e “aplicação prática” são usadas de modo que ou se faz transposição didática ou aplicação prática e que na aplicação prática não há transposição didática e vice versa. Aqui se percebe novamente que não se tem claro o conceito de Transposição Didática. Chevillard (2009, p. 20) afirma “[...] preparar uma lição é sem dúvida trabalhar com a transposição didática (ou mais específico, na transposição didática); jamais é fazer transposição didática”<sup>12</sup>. Quando se prepara uma aula e se organiza os materiais que vamos precisar para por em desenvolvimento esta aula

---

<sup>12</sup> Tradução livre das autoras.

com os estudantes, conforme afirmação do autor (2009, p. 20-21) “[...] já faz tempo que a transposição didática começou...[...]”<sup>13</sup>.

Para finalizar, o Orientativo (MATO GROSSO, 2015, p. 11) faz a retomada da Transposição Didática e sua função.

Pensar a transposição didática, nesse momento, significa relacionar a formação realizada no Projeto Sala de Educador com os objetivos das Orientações Curriculares para a Educação Básica (MATO GROSSO, 2012), por meio do planejamento escolar e de sua execução. Ainda, registrar os resultados alcançados e as dificuldades encontradas, sejam elas de conteúdo ou de método, para serem socializados nos encontros Sala de Educador, de modo que as fragilidades do processo de ensino, se transformem em temáticas de estudos. A finalidade com esta ação é fortalecer o processo de formação continuada no interior da escola e melhorar os processos de ensino e aprendizagem.

Este é um trecho muito interessante, porque esboça uma tentativa de afirmar que a orientação é o trabalho com Transposição Didática, porém, observamos que ela ainda é muito frágil e que não há uma fundamentação teórica que dê sustentabilidade ao termo da proposta apresentada, ou seja, usa-se o termo Transposição Didática, mas não são citados autores que discutem o tema nem referências bibliográficas.

### **Considerações finais**

A Transposição Didática é uma das atitudes mais importantes praticadas por professores e que, na atualidade, vem fazendo a diferença na hora de adequar os conteúdos prescritos para cada ano da educação básica e a metodologia adequada com o objetivo de equalizar essas duas partes da balança para que os estudantes possam construir conhecimentos.

A Teoria da Transposição Didática – TD – inicialmente proposta pelo francês Michel Verret (década de 70) e depois analisada, aprofundada e difundida pelo mundo, pelo também francês Yves Chevallard (década de 80) está focada incisivamente no processo de construção do conhecimento. Esta proposta de TD, a priori, estava voltada para as Escolas Francesas, como crítica a todo o contexto do sistema didático, porque não havia uma transição entre os materiais produzidos para o sistema didático e a aprendizagem dos estudantes. Este é um dos motivos pelo qual a teoria foi aceita em

---

<sup>13</sup> Tradução livre das autoras.

vários países. Inicialmente era uma teoria de ensino de matemática, mas por suas características intrínsecas, transcendeu-a, pois percebeu-se que abrangia as demais áreas de conhecimento. Deste modo, a Teoria da Transposição Didática adentrou nas escolas como uma forma de organização curricular aliada a uma metodologia de ensino que envolve várias etapas. No Brasil, os pressupostos teóricos da Teoria da Transposição Didática são usados em todas as áreas de conhecimento e em todas as disciplinas. No caso do Estado de Mato Grosso, há uma tentativa de uso como organização curricular, orientada pela Secretaria de Estado de Educação.

A Transposição Didática está diretamente relacionada aos conhecimentos produzidos por teóricos em todas as áreas de conhecimento; aos materiais didáticos e ao processo de organização dos profissionais das escolas que atuam em sala de aula. Esses conhecimentos produzidos devem passar pelo crivo da comunidade científica de cada área e ao escrever e transpor, devemos considerar o tempo real da produção e do momento histórico em sala de aula.

Neste sentido, para que haja a efetividade desta transposição, há vários pontos que precisamos destacar. A vigilância epistemológica é uma delas e consiste em sempre estar alerta para as aprendizagens dos estudantes. Os professores, no processo de formação docente, buscam novas propostas metodológicas, procuram se engajar na construção das Orientações Curriculares e produzem pesquisas em diversas áreas e conteúdos específicos, sempre considerando a inserção dos estudantes neste processo, a integração dos saberes através dos conteúdos das diferentes disciplinas para comprovar ou refutar esta ou aquela afirmação e o contexto como delimitador, seja pela idade, seja pelo grau de dificuldade de cada conteúdo e ou o nível da capacidade a ser desenvolvida.

O conceito de Transposição Didática está para além de transpor a teoria para a prática. Esse, por sua vez, pressupõe conhecer o estudante, o professor, o conhecimento. As origens e práticas das disciplinas, a relação entre elas, os currículos de cada etapa da educação básica, o currículo oculto<sup>14</sup>. É necessário saber as práticas dos demais

---

<sup>14</sup> Esse currículo, conforme Jackson retomado por Apple (1982, p. 127), se define como um conjunto de normas e valores implícitos e desenvolvidos pela escola, embora não estejam nos planejamentos dos professores.

professores que atuam na mesma escola, turma, disciplinas, as diretrizes municipais, estaduais e federais de educação e ainda permitir-se fazer parte.

## Referências

- APPLE, Michel. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CHEVALLARD, Yves. *La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado*. 3. ed. Buenos Aires: Aique, 2009.
- CHEVALLARD, Yves. Sobre a teoria da transposição didática: algumas considerações introdutórias. *Revista de Educação, Ciência e Matemática*, Unigranrio v. 3 n. 2, p. 1-14. Rio de Janeiro, maio/ago., 2013.
- HALTÉ, Jean-François. O espaço didático e a transposição. *Fórum Linguístico*, v. 5, n. 2, p. 117-139. Florianópolis, jul./dez., 2008.
- MATO GROSSO. *Orientativo Sala de Educador 2015*. Seduc, 2015.
- MATO GROSSO. *Orientações Curriculares para a Educação Básica*. Cuiabá: Print, 2012.
- OSAKABE, Haqira. Poesia e indiferença. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. (Orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.
- PETITJEAN, André. Importância e limites da noção de transposição didática para o ensino de francês. *Fórum Linguístico*, v. 5. n. 2, p. 83-116. Florianópolis, jul./dez., 2008.

## TRANSPOSICIÓN DIDÁCTICA: LA MOVIMENTACIÓN/TRANSICIÓN DIDÁCTICA DE LOS SABERES EN CLASE

### RESUMEN

Este texto visa reflejar sobre el concepto de Transposición Didáctica de Chevallard (2009), en formación docente. Pretendiese ponderar sobre la internalización/aprendizaje del concepto por profesores y la acción en clase en la movimentación/transición entre saberes sabios/a enseñar/enseñados, y su relación con la noosfera, conforme las etapas de la Transposición y las implicaciones que las actividades determinan, hasta la construcción de conocimientos por los estudiantes. Analizamos como *corpus* el “Orientativo Sala de Educador 2015”, documento base de formación docente de la enseñanza pública en Mato Grosso. El cuadro teórico-metodológico está compuesto de autores como Chevallard, Halté, Petitjean y Mato Grosso.

Palabras clave: Formación Docente; Transposición Didáctica; Yves Chevallard.

## APÊNDICE

As questões propostas no terceiro momento serão as seguintes:

- a) O que você entende por Transposição Didática?
- b) Qual é o conceito de Transposição Didática exposto nos documentos orientativos da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso 2015?
- c) Como a Escola Estadual Enio Pipino compreende e desenvolve os pressupostos teóricos da Transposição Didática?
- d) No seu planejamento diário, você considera os pressupostos da Transposição Didática? Poderia explicar como?
- e) Qual seu conhecimento sobre a Teoria da Transposição Didática proposta por Yves Chevallard?